

O evento como contraponto do cotidiano

Mestre Fátima Marita Barbosa (UAM) fmarita@uol.com.br

Resumo:

Cada vez mais se fala em eventos, sobretudo em planejamento e organização de eventos. Mas será que este tema se reduz apenas a novos procedimentos e técnicas de gestão? Esta pode ter sido uma exigência do mercado mas, quando o tema se converte em disciplina acadêmica, há que se ir mais longe. Assim o objetivo do presente trabalho é preencher algumas das lacunas existentes e enriquecer o universo acadêmico, propiciando elementos que possam facilitar futuras pesquisas. Esta pesquisa levanta a hipótese de que os eventos podem ser estudados sob novos ângulos: como contraponto do cotidiano, remédio ao tédio da vida cotidiana; como produto secularizado da festa tradicional, percorrendo o caminho que partiu do interior do templo, na Antiguidade, passando pela praça ao lado da Igreja, nas Idades Média e Moderna, transformando-se em negócio na sociedade contemporânea; como religião, ou melhor, como uma modalidade de experiência religiosa; como droga, vale dizer, como forma de alteração do estado de consciência; como investimento de festividade e imaginação, mormente no movimento e nos excessos de comida, bebida e, no evento comercial moderno, de cenário; e como meio de comunicação, como instrumento de que a sociedade dispõe para fazer ouvir os movimentos sociais coletivos e os novos arautos. A metodologia utilizada é a do ensaio, que permite a análise do tema, através do recorte das contribuições de estudiosos da antropologia, sociologia, história, geografia e filosofia, selecionados a partir de contribuições específicas capazes de trazerem luz às hipóteses mencionadas. A pesquisa conclui que todas as dimensões estudadas são interdependentes, visto que seus elementos se entrelaçam e se complementam mutuamente, formando uma espiral dinâmica que gera relevantes transformações e novas posturas individuais, bem como diferentes.

Palavras Chave: Eventos. Cotidiano. Hospitalidade. Teoria do turismo.

Desde os primórdios da história, ao menos desde que a rotina do trabalho surgiu nas lavouras e no pastoreio de animais, os homens sempre tiveram necessidade de festejos e celebrações¹. Estas marcavam a vida religiosa e política das populações com eventos entendidos como capazes de proporcionar uma alternativa ao ritmo laborioso da vida cotidiana. Guerras, comemorações, ciclos da natureza, tudo proporcionava ocasiões de eventos capazes de cumprir os anseios dos homens de sentirem-se ligados ao seu passado, ao futuro e ao divino e capazes de transcender a dureza do dia a dia.

Esta é uma das dimensões do evento, um terreno ainda pouco explorado teoricamente e que, tal como a hotelaria, é estudado apenas no campo dos procedimentos e da gestão. Para

¹ Provavelmente, ao menos pela observação de sociedades ditas primitivas que subsistiram até nossos dias, a necessidade de interrupção de toda e qualquer rotina cotidiana, com ou sem a presença de atividades de trabalho, existia mesmo em tempos anteriores ao neolítico. A “invenção” da atividade dita agrícola e pastoril, com sua rotina pesada de trabalho, deve apenas ter acentuado essa necessidade.

retirar do campo meramente especulativo o estudo desta dimensão teórica do evento e trazê-lo para a reflexão, neste capítulo, examinar-se-á o caso do carnaval.

O carnaval é um dos eventos que mais permitem a comunicação lúdica por sua forte mensagem emocional, associada ao caráter excepcional e transitório de milenar comemoração. Sua proposta sempre foi celebrar a vida e a alegria, subverter o cotidiano e inverter totalmente os valores pré-estabelecidos. É o evento de calendário que melhor ilustra o desejo ancestral do homem de fugir da pequenez e do tédio que acompanham a repetição de todas as pequenas tarefas do dia a dia, razão pela qual foi escolhido como objeto do presente estudo.

No carnaval celebram-se coisas abstratas e inclusivas como o sexo, a alegria, o prazer, o canto, a dança e a brincadeira. Ficam suspensas as regras que controlam o olhar, o mundo se abre ao poder de ver e de fazer, “com a supressão dos códigos opressores estabelecidos, a partir da negação e do escárnio de todas as formas de coerção e exclusão” (RIBEIRO, 2003); é quando o indivíduo se sente dotado de poderes que lhe propiciam estabelecer relações diferentes e realmente humanas com os demais, com a finalidade única de plena satisfação de seus desejos.

Enfim, o carnaval representa a delimitação de um período de tempo no qual o pessoal se contrapõe ao impessoal, o intuitivo opõe-se ao técnico.

A importância do caso ora tomado para análise reside na aplicabilidade das observações que aqui lhe concernem, a todo e qualquer evento da vida moderna, seja um grande show de rock para dezenas de milhares de pessoas, seja uma pequena festa que se oferece aos amigos. Mais ainda: como se verá, o aspecto paroxístico da festa tradicional do Carnaval, cuja pujança se limita, hoje, a algumas poucas cidades do Brasil e, ainda mais raras, em outros países, pode perfeitamente ser entendido como a explosão dessa festa em praticamente quase todas as demais festas. Em outras palavras: a dimensão de contraponto do cotidiano permanece, mas agora não mais como uma pausa ritual anual e sim como uma pausa mais freqüente, quem sabe mesmo semanal em alguns casos.

Origem e Significado da palavra Carnaval

Existe uma grande dificuldade para explicar e definir as origens da palavra carnaval. Muitos estudiosos tentam explicá-la de diferentes formas e divergem entre si; os próprios dicionários traduzem tais divergências com diferentes definições.

A mais difundida e aceita é a de *carnevale* originada do baixo latim *carnelevamen* que significa adeus à carne. Alguns autores citam *carrus navalis*, palavras conjuntas que se referem às celebrações dionisiacas, em que um carro carregando um grande tonel era conduzido pelas ruas da Roma antiga, distribuindo vinho ao povo, nos séculos VII e VI a.C.

Araújo, (2003, p.34), alega que a palavra surgiu em 590 d.C., quando Gregório I, o Grande, regulamentou as datas do carnaval e criou a expressão *dominica ad carne levandas*, derivada de dialetos italianos, e que significa “tirar a carne”, o que seria a liberdade para se ingerir carne à vontade antes da Quaresma. A versão menos conhecida vem de autores alemães que sugerem que a origem viria de *kane ou karth*, que significa comunidade pagã, os deuses e seus seguidores, e de *val ou wal*, que significa procissão dos deuses mortos.

Em relação às datas do carnaval, sua marcação obedece às regras que determinam a Páscoa Católica - são móveis, para não coincidir com a data da Páscoa Judaica que é fixa. O domingo de carnaval cairá sempre no 7º domingo que antecede ao domingo de Páscoa.

Em 1582, o Papa Gregório XIII promoveu a reforma do Calendário Juliano, transformando-o em Calendário Juliano-Gregoriano, em uso até hoje e estabeleceu definitivamente as datas do carnaval.

O evento na Antiguidade - dentro do Templo

Por volta de 4.000 a.C. ocorreu a “invenção” da cidade, proporcionada por um grande número de descobertas que marcaram, inclusive, o início da civilização humana: a metalurgia, a linguagem escrita, a monarquia, os tributos e, também, a criação do mais antigo calendário do mundo, o Egípcio (ARAÚJO: 2003).

Muito tempo antes, por volta de 8.000 a.C., os cuidados com a agricultura já tinham inspirado e incentivado a criação de cultos e festejos ligados à fertilidade. Os primeiros agrupamentos humanos de porte, chamados de cidade, permitiram, contudo, que tais festejos fossem estruturados e codificados, como as festas agrárias, que faziam parte do culto e eram realizadas dentro dos templos e que desembocaram no Carnaval.

A origem deste evento se perde na noite dos tempos. Mas certamente uma de suas raízes está ligada à civilização egípcia.

Segundo a mitologia deste povo, o carnaval foi inspirado na jovem deusa Isis, protetora da natureza, e seu parceiro Osíris. Em sua homenagem, os mortais se reuniam ciclicamente, no plantio e nas colheitas agrícolas.

Dançavam e festejavam em prol do crescimento das sementes e da saúde dos frutos. Osíris era sacrificado após a festa para acalmar os dias de prazeres. A associação do culto à fertilidade com as permissividades praticadas naqueles dias, entrevia a inversão do cotidiano com a idéia de renascimento.

Nestas celebrações existia também a figura de um rei sobrenatural, que era o eixo das festividades, permitia a realização de sonhos proibidos e ligava a festa ao sentido da vida e sua transcendência. A satisfação do rei abençoaria os campos e as sementeiras e a sua morte purificaria os espíritos, fundamentos da vida renovados conforme o ciclo da natureza.

Tais festejos continham rituais libertadores de atitudes reprimidas; era um período especial em que a quebra da ordem estabelecida e os desrecalques eram permitidos, com muita comida, bebida e liberação sexual. Seguia-se um período de recolhimento e de *cinzas*.

Ainda na Antiguidade, diferentes povos assimilaram estas tradições e integraram-nas em seus próprios rituais religiosos - os gregos com as festas rituais em homenagem a Zeus, Dionísio e outros deuses, os romanos com as Bacanais, as Lupercais e as Saturnais.

As Bacanais se realizavam em homenagem ao deus romano Baco, que corresponde ao grego Dionísio, a mesma divindade responsável pela origem da vida, da alegria, do vinho, do sexo e perturbador da ordem estabelecida.

A festa das Lupercais, que homenageava o deus Fauno (para os romanos) ou Pã (para os gregos) foi criada pelos sacerdotes lupercos e representava a luta da desordem e do tumulto contra a harmonia, que era a vencedora no final da festa.

As Saturnais homenageavam Saturno, o deus romano protetor da agricultura.

Os famosos e antiqüíssimos ritos de Eleusis datam de 1800 a.C. e são também oriundos dos egípcios, mas incorporados pelos gregos. Consistiam na celebração dos “Augustos Mistérios” pelos grandes iniciados do passado e eram dos mais conhecidos mistérios religiosos gregos.

O Festival dos Mistérios começava no mês de setembro, na época da colheita da uva no povoado de Elêusis, perto da cidade de Atenas. Os rituais eram realizados em honra à deusa grega Deméter, protetora da agricultura e à deusa egípcia Isis, protetora da natureza e duravam sete dias.

Simultaneamente se realizava também o Festival Hebreu dos Tabernáculos, ou a Festa das Colheitas.

O sacrifício de ambos - pão (agricultura) e vinho (Taberna) - era executado antes dos Mistérios de Iniciação e durante a cerimônia os mesmos eram divulgados aos candidatos interessados em se iniciar.

Os ritos místicos eram similares aos rituais filosóficos das cerimônias sagradas. Não eram comunicados a todos que desejavam recebê-los, já que certas pessoas eram impedidas pelo arauto, como aquelas que possuíam mãos impuras e voz desarticulada.

A dinâmica integral desses eventos perdeu-se, a se crer em algumas especulações² com o último hierarca grego, provavelmente por volta do séc. IV d.C. Restaram às gerações posteriores alguns fragmentos desses rituais. Após a Iniciação Externa, o postulante deveria receber a Iniciação Interna, que não se fazia no espaço físico do Templo, mas sim no *Templo Interior* do Iniciado, se este o merecesse. A partir daí os eleitos eram libertos das admoestações do mal.

Sobre esses rituais, Platão dizia que “a iniciação é um símbolo de inefável silêncio e de união com naturezas místicas inteligíveis” (Proclus, *Theology of Plato*, livro IV. TAYLOR, Thomaz . *The Eleusinian and Bacchic Mysteries*, p. 62-67, apud FRANCO, Arthur. *A Idade das Luzes*, 1997, Porto Alegre, RS: Wodan, 1997. Disponível em: <<http://www.geocities.com/athens/oracle>: 24/09/03).

Para cristãos educados no monoteísmo, talvez seja difícil entender a dimensão religiosa dessa festa, mas, no caso é essencial, pois, no politeísmo não existe antagonismo entre o sagrado e o profano. Não existe também a noção de pecado, tal como as religiões monoteístas a estabeleceram. O politeísmo permitia a convivência de cultos cômicos paralelos aos cultos sérios, cultos extrovertidos paralelos aos cultos introspectivos e convertiam as divindades em objetos de sátira e escárnio, sem que estes perdessem seu caráter sagrado e de certa forma oficial.

Deste conjunto de fatos históricos, algumas observações podem ser sugeridas para uma posterior análise mais aprofundada: a primeira é que todas essas festas criadas por tantas culturas têm em comum o fato de delimitarem para sua realização a mesma época do ano, que é a do inverno no hemisfério norte, tempo impróprio para a maior parte das tarefas de trabalho. Pode-se mesmo ir mais longe e sugerir que o forte consumo de álcool e de carne, denominadores comuns dessas festas, cumprissem uma outra finalidade, além da de contraponto de dias de festa a dias de dura rotina de todo o resto do ano: um desejo coletivo de contrapor ao clima depressivo e introspectivo do inverno, a atmosfera lúdica e contagiante da orgia.

É importante ressaltar, porém, que o coletivo aqui mencionado não implica na totalidade dos indivíduos, pois ainda que não se saiba a proporção de aficionados dessas

² Em seu romance *Juliano*, Gore Vidal fala da persistência desses rituais até a época do referido imperador romano que teria inclusive participado desses ritos.

festas, é certo que boa parte da população mantinha-se à margem e não são raros os casos de lideranças políticas, como Catão, o Velho, ou literárias, como Sêneca, ambos em Roma, que reprovavam os excessos dessas festas.

Os Jogos Olímpicos da Antiguidade

Outra celebração festiva dedicada aos deuses do Olimpo era o Festival dos Jogos Olímpicos, na Grécia antiga, um dos maiores e mais importantes eventos da Antiguidade.

Tiveram seu início em 776 a.C., data do primeiro registro dos vencedores e aconteciam de quatro em quatro anos. Eram realizados no mês de agosto, no Grande Santuário da cidade de Olímpia, que se dividia em um ginásio, um estádio, um hipódromo, a palestra, construção destinada ao treinamento dos atletas, um hotel e dois templos, um para o mais venerado deus grego do Olimpo, Zeus, e outro para Hera, sua esposa, deusa do matrimônio.

De todos os prédios de Olímpia, o mais bonito e importante era o Templo de Zeus, que abrigava a colossal estátua do deus, considerada uma das sete maravilhas do mundo.

A importância atribuída a esse evento devia-se ao grande número de participantes e espectadores presentes, pela marcante repercussão político-religiosa e por conter elevado espírito unificador entre os povos gregos.

Uma das vertentes que o estudam sustenta que o instaurador do famoso Festival foi Atlios, filho de Zeus, o Grande Júpiter. Atlios foi o primeiro rei de Élide, cidade-estado próxima de Olímpia, sendo por esse motivo as competições denominadas de “Atlas” e os participantes de “atletas”.

As mulheres, por serem consideradas seres inferiores, eram proibidas de assistir ao espetáculo. Este privilégio era privativo de homens e deuses.

Há, porém uma corrente de estudiosos que afirmam que o impedimento atingia apenas as mulheres casadas, as virgens podiam comparecer para aprender a admirar o sexo oposto e adquirir gosto pelo casamento.

Os preparativos da festa começavam dez meses antes de sua abertura e quando se aproximava seu início, o arauto divulgava por toda a Grécia a trégua sagrada, que suspendia as guerras por três meses até o final das comemorações. A partir do século IV a.C. a região de Olímpia foi declarada inviolável.

Os jogos duravam sete dias sendo o primeiro e o último, dedicados às cerimônias religiosas. Embora as competições esportivas fossem a base dos sete dias do Festival, o

caráter religioso era muito acentuado, porquê os jogos sempre representaram um ato sagrado em honra ao supremo Zeus, Senhor do Olimpo.

A vitória conferia alta honraria para o vencedor, sua família e sua cidade natal. Como prêmio material o vitorioso recebia uma coroa de oliveira. Atenas premiava seus vencedores patrocinando-lhes alimentação pelo resto de suas vidas.

As homenagens aos campeões consistiam nas coroações, a seguir o grande banquete e depois o ritual de preparação, para os heróis entrarem em suas cidades. Eram ungidos com óleo, vestidos com roupas de gala e conduzidos em cavalos brancos. Eram recebidos com chuvas de flores ao toque de trombetas.

Gozavam também do privilégio de terem suas estátuas erigidas em madeira de cipreste, pedra, bronze ou mármore cujas esculturas, porém, obedeciam a regulamentos e deveriam ter tamanhos naturais, visto que as de maiores dimensões eram reservadas às divindades. O homem não tinha o direito de querer igualar-se a um deus.

Tais rituais ligavam-se ao fato de os vencedores serem considerados pelos gregos como semideuses, cidadãos que receberam sinais da graça divina, favorecidos com o dom da invencibilidade e não podiam ser comparados aos homens comuns.

Segundo Píndaro, poeta dos Jogos Olímpicos, *Quem vencer em Olímpia gozará pelo resto da vida de uma calma doce como o mel.*

Em 393 d.C. o Festival dos Jogos Olímpicos, uma das mais extraordinárias contribuições da Grécia Antiga, foi abolido pelo imperador romano Teodósio I, o Grande, convertido ao cristianismo, que proibiu os cultos pagãos a pedido da Igreja Católica.

Embora os Jogos Olímpicos fossem um marco que sobrevive até nossos dias, na Grécia Antiga, entretanto, eles não esgotavam a necessidade que os gregos possuíam de homenagear e cultuar os deuses através de celebrações, haja vista a existência de outros festivais de menor importância no calendário religioso, mas de igual brilho, que eram realizados nos intervalos dos Olímpicos.

Havia os Jogos Heranos, em honra da deusa Hera, esposa de Zeus. O culto a Hera era quase tão solene quanto o de Zeus. Era realizado no maior templo dedicado a ela, construído nas montanhas entre as cidades de Argos e Micenas, e que abrigava sua célebre estátua em ouro e marfim; era ali representada como uma bela mulher, jovem, cândida e austera. Vestia uma túnica e um véu. Sua cabeça era adornada por um diadema, em uma das mãos segurava uma romã e na outra um cetro encimado por um pássaro e por uma granada, pedra preciosa que simbolizava o amor e a fidelidade conjugal.

Os Jogos Heranos eram destinados somente às mulheres. A organização e administração do evento eram de responsabilidade das sacerdotisas da deusa Hera. Elas também presidiam os ritos religiosos e as provas esportivas. Havia apenas uma corrida e as competidoras corriam descalças, com os cabelos soltos, usando uma pequena túnica que exibia o ombro e o seio direitos. Nas demais provas esportivas, vestiam costumes de duas peças. As vencedoras recebiam como recompensa uma coroa de oliveira selvagem e uma porção de carne de vaca, sacrificada à deusa.

Os Jogos Píticos eram celebrados em honra ao deus Apolo, protetor das profecias, da medicina e da música e também associado ao pastoreio e ao sol; era também um arqueiro excepcional. Eram realizados no santuário de Delfos, situado nas encostas do monte Parnaso. Iniciaram em 582 a.C. e duraram até IV d.C., quando também foram abolidos por decreto do imperador romano cristão Teodósio.

Esses jogos se diferenciavam dos demais por acrescentar competições artísticas além das esportivas. Delfos ocupava um espaço privilegiado na vida religiosa dos gregos, pois era considerado o “umbigo do mundo”.

Segundo a lenda, Zeus, interessado em identificar o centro da terra, soltou duas águias, uma de cada canto do universo, que acabaram se encontrando em Delfos. Conta-se também que a origem do nome veio do próprio deus Apolo para comemorar sua vitória sobre Píton, uma serpente-monstro, filha da mãe-terra e habitante de uma antiqüíssima gruta oracular, que destruía as colheitas, devorava homens e animais. Apolo matou a serpente e de seu nome derivou o de sua sacerdotisa, a Pitonisa e o nome dos Jogos. Os vencedores, chamados Pitiônicos, recebiam como prêmios uma palma e uma coroa de folhas de louro. Como os Olímpionicos, alcançavam fama nacional, tinham o direito de erigir suas estátuas em Delfos e eram eternizados pela arte dos poetas.

Os Jogos Ístmicos eram uma grande festa religiosa em honra de Possêidon, o deus do mar. Tiveram seu início em 582 a.C. e aconteciam na cidade de Corinto, situada no istmo que liga o Peloponeso ao resto da Grécia continental, no santuário do deus. A participação nas competições era permitida apenas aos gregos no início, mas a partir de 228 a.C. os candidatos romanos passaram a ser admitidos. Como recompensa, os vencedores recebiam uma coroa de aipo ou de pinheiro.

Os Jogos Nemeus, uma das quatro grandes festas nacionais da Grécia Antiga, eram realizados em honra de Zeus, na cidade de Neméia, ao norte de Peloponeso.

Ocorriam a cada dois anos, no segundo e quarto ano de cada Olimpíada.

As provas compreendiam as habituais competições atléticas e competições artísticas, de teatro e música. Os prêmios eram uma coroa de aipo ou de carvalho, a árvore sagrada de Zeus. Sua existência histórica data de 573 a.C. e também se encerrou quando o imperador Teodósio aboliu a realização de todos os jogos, considerados pagãos pela Igreja Católica, embora todos eles fossem realizados em honra de um deus, e celebrassem cultos religiosos em suas aberturas e em seus encerramentos.

Paralelamente aos eventos de cunho religioso, realizavam-se também os eventos cívicos, que visavam conservar a memória humana dos fatos mais significativos para o país, a Coroa e a comunidade.

Não obstante tratassem-se de eventos de caráter político e comunitário, estes estavam também sob o domínio do religioso, visto que já desde o início da Antiguidade, os reis chancelavam seu poder com o título de filhos ou representantes da divindade.

As cerimônias públicas assinalavam as datas importantes e transmitiam aos participantes a noção de pertença a uma comunidade e de unidade e identificação com a Coroa. Destacavam-se as comemorações de batalhas e os festejos da família real.

O primeiro Congresso aconteceu em Corinto em 377 a.C. e reuniu todos os delegados das cidades gregas a fim de elegerem Felipe, o general da Grécia que comandou as lutas contra a Pérsia.

O fim do Império Romano do Ocidente marcou o fim da Antiguidade e as celebrações ditas pagãs se diluíram sob a referência cristã e sob o peso do monoteísmo cristão. As festas acima mencionadas sobreviveram no que veio a ser chamado de carnaval e, em menor grau, em outras festas. Ainda eram religiosas, ou, ao menos, controladas pelo calendário religioso, mas não tinham mais lugar dentro do templo e sim, à sua sombra.

O evento na Idade Média – À Sombra do Templo

A Idade Média representou um grande processo de sementeira e um laboratório de civilização, do qual se consumou o Ocidente, síntese das culturas grega, romana e judaico-cristã. Diferentemente das sociedades ditas pagãs da Antiguidade, contudo, a cultura e a educação medievais foram centradas na religião e esta passou a ser referência mais poderosa do que o Estado na definição do permitido e do proibido. Quando o Cristianismo chegou ao Ocidente, o caráter libertino das festas foi a princípio condenado pela Igreja Católica.

Teólogos, Doutores e Papas foram contra o carnaval e as demais festas pagãs. (ARAÚJO, 2003:19). Aliados ao Estado feudal, impuseram ao culto a seriedade em

contraponto ao riso, porém o povo, indiferente ao oficialismo imposto, respondia nos eventos populares com atos e ritos cômicos.

A Igreja, ao constatar a ineficiência das proibições dos festejos pagãos, arraigados no inconsciente coletivo dos povos, tratou de adaptá-los ao calendário eclesiástico, porém ligados aos símbolos da religião. Foram então permitidas comemorações libertas de orgias e permissividades. A intenção da Igreja era cristianizar as festas pagãs, porém esse intuito nunca foi alcançado.

Embora tendo seu caráter original transfigurado porque totalmente controlado pela Igreja Católica, o carnaval ganhou força pela sua tradição. Mais do que nunca, os festejos tiveram as suas características de contraponto ao cotidiano, acentuadas e transformadas em momentos de “inversão”: (...) “paganismo no lugar de cristianismo, muita comida em vez de fome, muito sexo em vez de abstinência carnal, homens vestindo-se de mulheres e vice-versa” (CAMARGO, 2002, p.30).

Todo o período de dezembro até fevereiro era festejado de forma carnavalesca, “algo bastante apropriado do ponto de vista cristão, já que o nascimento do filho de Deus numa manjedoura era um exemplo espetacular do mundo de cabeça para baixo”(BURKE, 1989, p.216).

O carnaval inspirou-se nas outras festas e delas se destacou pela criatividade e capacidade de imaginação, visível em seus temas; esboçou-se não de acordo com um cronograma exato, mas “mais pela evolução dos costumes” (HEERS, 1987, p.168).

Foi tomando maior vulto, sobretudo na área mediterrânea da Europa – em Roma e Veneza, em Paris e Nice, em Nuremberg e Colônia. Os festejos carnavalescos eram ligados ao ciclo litúrgico e as pessoas usavam máscaras e cantavam sátiras e paródias aos rituais da Igreja, aos costumes, às convenções sociais e às personalidades credenciadas da região. Não eram festas prestigiadas pelas classes privilegiadas, mas constantemente criticadas e embora proibidas em 1431 pelo Concílio de Basiléia, algumas sobreviveram por mais um século.

Contrastando com a arraigada hierarquização do regime feudal, a partir da própria hierarquia do trabalho nas corporações profissionais, tendo como pano de fundo a hierarquia social em classes estanques (nobreza, clero e povo), o contato livre e familiar que acontecia nesses dias especiais era vivido intensamente, criando um tipo particular de comunicação grotesca e livre, inconcebível no dia a dia, que proporcionava humanismo nas relações através da percepção carnavalesca do mundo.

Segundo Mikhail Bakhtin (1987), é imprescindível conhecer o realismo grotesco para compreender o realismo do Renascimento e suas outras manifestações posteriores.

A procissão do carnaval evocava e caricaturava as procissões religiosas celebradas durante o ano. Os gestos, as danças e os símbolos imitavam os nobres, os Bispos e os Papas. Os próprios loucos participavam com seus provérbios característicos.

A procissão seguia pelas ruas até a praça principal, em frente a Câmara Municipal, às casas dos burgueses e aos palácios dos oficiais. As pessoas do povo compareciam fantasiadas de bobos, palhaços, com máscaras de demônios e animais das florestas. Os ritmos das danças eram mouriscos, à semelhança da Festa dos Loucos. Os foliões recolhiam prendas e peixes para os dias de jejum e moedas para as bebidas. Não raro exigiam a contribuição dos judeus (naquela época bem tolerados pela cidade e protegidos pelo Papa) e das meretrizes, com a bênção dos magistrados; espécie de poder sobre os heréticos, obrigados a resgatar a sua condição e as suas desordens (HEERS, 1987, p.170-171).

Jogavam cascas de ovos com água perfumada nos assistentes, à semelhança dos festivais religiosos. Desde a iconografia aos cenários, às músicas, às falas, tudo indicava que se tratava de uma apologia à loucura, ao irracional e ao efêmero, e as pessoas sérias não deviam fazê-lo. Os festejos representavam, sobretudo, pretexto para a prática do desregramento total, a base lúdica de uma sátira social e política exacerbada.

A presença de estrangeiros, as máscaras, as casas abertas, a embriaguez da multidão, permitiam excessos anônimos, cuja mensagem era a recusa dos tabus e deveres, o desafio ao proibido, em um jogo brilhante e perigoso.

Os homens se fantasiavam de mulheres, a escravidão era temporariamente abolida, os escravos eram nivelados aos senhores, se sentavam à mesma mesa e eram servidos por seus amos.

“Entre os quadros vivos dos carros, havia o da Roda da Sorte, que se referia ao destino do homem e a sua condição perante Deus; ilustrava a fragilidade das ambições e a precariedade da vida e das situações” (HEERS, 1987, p.183).

Havia outro carro que representava a fonte da juventude, com uma velha sendo devorada por um demônio gigante.

Entre os jogos, o principal era o Jogo da Paixão, que exibia a roda dos tormentos do inferno com um fogo ardente, onde giravam os pecadores; havia também os que evocavam a prostituição, os avaros e outras práticas e valores criticados pela Igreja.

No último dia, ao final da longa procissão, incendiavam o carro mais imponente como símbolo de triunfo sobre as forças do mal, do irracional.

Segundo Peter Burke (1989, p.208-209), dentro do ritual carnavalesco também se inseriam vários tipos de competições: disputas no ringue, corridas a cavalo e a pé, torneios em terra e na água. Jogos de futebol eram realizados na Grã-Bretanha e França. Havia também apresentações de peças teatrais e simulações, geralmente centradas na figura do próprio

carnaval personificado por um homem gordo enfeitado com comidas, sentado em um barril; a quaresma era representada por uma velhinha magra vestida de preto e enfeitada com peixes. Ou, ainda, um porco era solenemente decapitado e uma sardinha era enterrada com todas as honras.

A elite realizava suas festas nos salões de Veneza, também com o uso de máscaras transformadoras. O uso das máscaras traduzia uma alegre negação da identidade, expressão das metamorfoses e das violações das fronteiras. Encarnava o princípio do jogo da vida, baseado na co-relação da realidade com a imagem, criando um ambiente especial, de outro mundo. Entretanto, o seu uso tornou-se rotineiro e elevou a criminalidade executada sob as mesmas. A dificuldade de identificação dos criminosos levou as autoridades a proibi-las.

O carnaval punha em risco as hierarquias sociais e os princípios governamentais, visto que seus principais temas reais e simbólicos eram comida, sexo e violência, sendo o apelo mais forte para a comida, com destaque para as carnes em geral.

Significava também a *carnalidade*, o sexo, intensamente praticado durante o carnaval; o pico de casamentos acontecia durante ou logo após o período carnavalesco. Era uma festa também de agressão, destruição e profanação, pois os tabus que reprimiam os impulsos sexuais e violentos eram temporariamente suspensos; época de desordem institucionalizada, mas, sobretudo a festa de todos.

Os festejos de carnaval com todos os seus atos e ritos cômicos, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval. A festa tinha a propriedade fundamental de todas as formas de espetáculos cômicos da Idade Média.

O conjunto de festas que desembocavam no Carnaval – que, por ser a última, era também a mais orgiástica – marcam o apogeu dessa propriedade do evento de firmar-se em contraponto ao cotidiano. No caso, um estilo de vida sonhado, marcado pela irreverência, pelas regras do lúdico, vivido em alguns poucos meses, contraposto ao estilo real, duro, concreto, marcado pelo peso da clivagem social que condenava a maioria da população a vidas materialmente miseráveis.

Mas não se pode, também, deixar de destacar a observação atenta de Harvey Cox (1974). O Iluminismo, a máquina, a disciplina que marcaram o final da Idade Moderna determinaram não apenas o fim das festas populares, mas também o declínio do Carnaval. Marcaram, também, o fim de uma época em que os homens viveram seu imaginário a fundo e dele extraíram todas as suas potencialidades, sobretudo a de imaginar um mundo ao reverso. Apesar de sempre descambarem em libertinagens, essas festas demonstravam que “uma

cultura podia zombar, periodicamente, de suas mais sagradas práticas políticas e religiosas” (COX,1974, p. 12).

No final do Renascimento e início da Europa Moderna, praticamente todas as grandes festas do ano eram um carnaval em miniatura, visto que constituíam um importante agrupamento de rituais em comum. Segundo Peter Burke (1989), pensar nas festas religiosas dessa época como pequenos carnavais está mais perto da verdade do que concebê-las como graves e sóbrios rituais à maneira moderna.

A Igreja convivia bem com a festa e até passou a estimulá-la, principalmente com o Papa Paulo II (1461-1471). Em 1545, no Concílio de Trento, o carnaval integrou a pauta de discussões e foi reconhecido como uma importante manifestação popular, não devendo ser hostilizada pelo Clero. Considerava-o criminoso apenas em círculos restritos, como por exemplo, na Corte Francesa antes da revolução, onde os bailes de máscaras se transformavam em bacanais como na antiga Roma decadente (DAMANTE, 1980, p. 6-7 apud ARAUJO, 2003,p.23).

A festa do carnaval firmou suas características básicas. O carnaval italiano chegou a ser o mais famoso; era considerado como uma festa que o povo dava a si mesmo. As festividades começavam em Janeiro e cresciam até a proximidade da quaresma.

O Carnaval podia ser visto como uma peça imensa onde as ruas e praças principais se tornavam um grande palco de um teatro sem paredes e os habitantes eram seus atores e espectadores. Havia consumo maciço de carne, panquecas, doces e bebidas e atingia seu clímax na terça feira gorda (ARAUJO, 2003:40).

As brincadeiras e encenações continuavam, assim como as inversões de papéis; os homens vestidos de mulher, as mulheres de homem; um cavalo andava para trás com o cavaleiro de frente para a cauda, o cavalo virava ferrador e ferrava o dono, o boi virava açougueiro e cortava um homem em pedaços, o peixe comia o pescador.

As inversões de status eram mostradas pelo filho batendo no pai, o aluno no professor, os pobres dando esmolas aos ricos, os leigos rezando missas aos padres. As pessoas atiravam farinha e confeitos com formas de frutas e ovos umas nas outras (Burke,1989).

Nesses tempos, um dos rituais mais carnavalescos e famosos era o de justiça popular, denominado de “Charivari” (BURKE, 1989, p.222) . Nele, ocorria uma espécie de serenata de gozação pública contra, por exemplo, um velho casado com uma jovem ou qualquer um que contraísse segundo matrimônio, um marido traído ou que apanhasse da mulher, ou contra o

clero e fazendeiros. Um grupo de pessoas cantava músicas difamatórias acompanhadas pela batida de panelas.

Os charivari eram conhecidos em toda a Europa; podiam se adiar até o carnaval quando os insultos eram permitidos. A vítima era levada pelas ruas montada de costas para um burro, para mostrar que a quebra das convenções sociais invertia a ordem das coisas. Esse ritual funcionava como controle social para uma comunidade ou paróquia demonstrar seu desagrado às pessoas que transgrediam os costumes e para desencorajar os mal intencionados. Era o uso de rituais permitidos pela Igreja para controlar a multidão; aparentemente expressavam protesto contra a ordem social, mas funcionavam como contribuições a essa própria ordem.

A esse respeito muitos estudiosos e antropólogos sociais sustentam que o protesto e a suspensão dos tabus servem para reforçá-los e igualmente as inversões de status reafirmam o princípio hierárquico. As classes dominantes permitiam tais anarquias e inversões porque eram cientes de que as desigualdades de riqueza e poder não poderiam sobreviver sem uma válvula de segurança, em que os pobres compensassem suas frustrações (BURKE, 1989, p. 224-225).

O carnaval oferecia duas perspectivas básicas para analisar e interpretar os muitos aspectos comportamentais da época. A primeira delas era a diferença ostensiva entre os dias da festa e os dias da quaresma – dias *gordos* e dias *magros* – geralmente representados por um homem gordo e outro magro. Durante a quaresma, a Igreja preconizava o jejum e a abstinência de carnes, ovos, sexo e entretenimentos. O que faltava na quaresma abundava no carnaval. Mas a festa não se opunha apenas à quaresma, mas também à vida cotidiana e ao resto do ano.

“A outra perspectiva era a de que significava coisas diferentes para diferentes pessoas. Resumindo, era o mundo de “pernas para o ar”, como um símbolo de retorno à liberdade de uma época anterior à idade da razão” (BURKE, 1989, p.215).

Houve um tempo, todavia, em que o deboche deu espaço ao tétrico e ao macabro e tornaram-se conhecidas as Danças Macabras da Alta Idade Média, nas quais homens e mulheres dançavam nos cemitérios diante da morte, que ouvia suas queixas e depois passava a foice (ARAUJO, 2003: 41).

Mesmo quando a Igreja deixou de incentivar o carnaval, os noviços dos mosteiros jamais deixaram de organizar suas festas, com danças na própria Igreja e nas ruas, com procissão e missa simulada. Nestas ocasiões, os clérigos usavam máscaras e roupas de mulheres ou vestiam hábitos de trás para frente, seguravam o missal invertido, jogavam

cartas, cantavam cânticos imorais, xingavam a Congregação, as escrituras e liturgias católicas eram parodiadas. Enfim, em todos esses rituais organizados na própria Igreja, a Instituição era ridicularizada e questionada em todos os eventos de cunho carnavalesco.

Ao lado disso, na Europa Moderna os rituais públicos representavam questionamentos sobre a ordem social, política e religiosa reinante e não raro terminavam em conflitos e rebeliões, como uma forma extraordinária de rito popular, através de ações e não apenas de simbologias.

As autoridades tinham consciência do problema; alguns defendiam a realização de festas mais grandiosas para distrair o povo, enquanto outros discordavam por achar que as grandes reuniões fomentavam o ensejo para a embriaguez e a prática de violência.

Como efeito, no século XVII intensificou-se o movimento por parte dos Cleros católico e protestante em conjunto com a elite, com o fim de reformar a cultura das massas.

As tentativas já tinham precedentes medievais, mas se firmaram no início da Idade Moderna, quando as vias de transporte melhoraram e os livros passaram a circular com mais facilidade, principalmente nas regiões urbanas da Europa protestante. Os livros advertiam os leitores sobre os perigos do jogo, da dança, das tavernas e, principalmente, do carnaval.

A Igreja pregava um cristianismo mais livre das superstições e credices populares. Criticava também o culto às imagens e aos vários nomes atribuídos à Virgem Maria e demais santos.

A ênfase era a substituição dos rituais populares pela reforma moral. Gradativamente, os leigos começaram a participar das campanhas da Igreja contra o carnaval e outras práticas do folclore popular.

Anteriormente, a maioria dos padres tinha nível social semelhante ao de seus fiéis, porém, os reformadores, insatisfeitos com a situação, exigiram um Clero mais culto. As igrejas protestantes possuíam também considerável maioria de ministros com nível universitário. A Igreja Católica por sua vez, após o Concílio de Trento, começou a formar seus padres nos seminários e ressaltava a dignidade do sacerdócio. Em consequência, os clérigos ao velho estilo, que punham máscaras, dançavam na Igreja durante as festas e faziam piadas no púlpito, gradativamente deram lugar a um novo padrão de párocos, com status superior e mais distanciados de seus fiéis. Esse padrão de comportamento se estendeu à nobreza, “agora mais educada e aprendendo a exercer o autocontrole em suas práticas sociais” (BURKE, 1989, p.292).

O que os reformadores viam de errado na cultura popular? As objeções eram de fundo teológico, por conter vestígios do antigo paganismo, cujos costumes eram

considerados diabólicos e também porque era vista como não cristã, pois nessas ocasiões o povo se entregava à licenciosidade. A magia também era considerada como uma sobrevivência pagã.

Segundo Burke (1989), o constrangimento diante dos reformadores protestantes, que acusavam os católicos de praticar uma religião mágica incentivou os reformadores católicos a tentar expurgar da cultura popular os sortilégios e as fórmulas mágicas.

O ponto crucial debatido pelos reformadores situava-se na separação entre o sagrado e o profano, que pouco a pouco instaurava uma importante mudança na mentalidade e sensibilidade religiosas da época. Os devotos se empenhavam em destruir a tradicional familiaridade do sagrado com o profano nas festas, pois acreditavam que a familiaridade alimentava a irreverência, que fomentava ocasiões de pecado, embriaguez, glotonaria e luxúria, estimulando a submissão ao mundo, à carne e ao demônio.

Além das tentativas do clero e dos nobres no sentido de reformar a cultura popular, outras importantes transformações contribuíram profundamente para as grandes mudanças de rumo ocorridas.

O crescimento populacional forçou as mudanças econômicas, resultando daí a revolução comercial, que constituiu um dos marcos do início da Idade Moderna. O aumento da demanda por alimentos e bens trouxe a padronização dos processos produtivos e a comercialização da agricultura, o que contribuiu para melhores condições de vida aos pequenos proprietários, aos artesãos e aos camponeses. Entretanto, a expansão do mercado contribuiu para a destruição da cultura material local e também afetou as apresentações artísticas populares. Os homens de negócio começaram a ver as atividades de lazer como bons investimentos e introduziram gradativamente as produções organizadas, em recintos fechados, surgindo a figura do empresário. Um dos destaques da comercialização da cultura popular foi o surgimento dos circos.

Além das figuras tradicionais dos palhaços e acrobatas, foram surgindo novos ídolos populares, como os esportistas e os toureiros profissionais.

No rol das transformações, o carnaval passou a ser atração organizada não só para os habitantes locais, mas também para visitantes e turistas.

As formas grotescas mais espontâneas e participativas de lazer cederam espaço para espetáculos organizados para espectadores.

Como resultado desse movimento de distanciamento, a partir de 1800, na maior parte da Europa, a Igreja, a nobreza, os comerciantes e os profissionais liberais já haviam relegado

os festejos da cultura popular às classes baixas, separadas por um abismo de profundas diferenças de concepção de mundo.

Outro importante fator que contribuiu para a comercialização da cultura popular centrou-se na elevação dos índices de alfabetização e da criação de gráficas, o que resultou na circulação de livros impressos.

Em 1850, os europeus ocidentais protestantes tinham os índices mais altos de alfabetização, a Suécia tinha 90%, a Escócia 80%, a Inglaterra 70%, Espanha e Itália 25% e Rússia 10%. Esses índices, além da corte e da burguesia, estavam centrados nos artesãos e pequena minoria nos camponeses. O aumento da alfabetização, incentivado pela fundação de escolas por parte dos religiosos tanto protestantes como católicos, fazia parte do movimento pela reforma da cultura popular. Sustentavam que o texto impresso produzia um novo tipo de personalidade, com alta capacidade de empatia e disposição em aceitar transformações.

O Jogo do Entrudo

A palavra entrudo vem do latim (*entroitu*) que significa entrar, ou seja, entrada da quaresma. Originou-se na Península Ibérica, inspirado nas Bacanais e Saturnais greco-romanas e firmou-se no início da oficialização do carnaval cristão, após 590 d.C. Aprofundou suas raízes em Portugal e durou por 10 a 12 séculos, tendo seu apogeu entre 1200 e 1300.

“O ritual de espargir água destinava-se a banhar as pessoas para que purificassem o corpo, mistura de práticas religiosas anteriores, Judaico–Hindus” (ARAÚJO, 2003, p.38).

As suas práticas eram consideradas verdadeiras batalhas, cujas munições eram pós brancos e coloridos, folhas, ovos, frutas e jatos d’água lançados das janelas das residências ou em grandes seringas. Tinha características muito agressivas e atingiu o máximo da violência e agressividade entre 1650 e 1750 em Portugal.

A Igreja era contrária ao jogo do entrudo e criou o Jubileu das quarenta horas e editais de proibições em 1817, mas a festa sempre persistiu e somente no século XX introduziram-se outras formas de brincar o carnaval na tentativa de eliminar suas práticas violentas. No Brasil foi introduzida a partir de 1723, com a chegada dos habitantes (*ilhéus*) das ilhas portuguesas da Madeira, Açores e Cabo Verde. Também aqui, o século XX trouxe nova mentalidade e novos interesses, com a introdução do confete, da serpentina e do lança-perfume, que acabaram por desviar as tendências e aí o entrudo se enfraqueceu até se extinguir por completo.

Não obstante a abolição da festa em termos gerais, em Portugal ainda resistem algumas celebrações do entrudo que mantêm a sua singularidade, de acordo com as tradições portuguesas. Na região de Trás-os-Montes existem em várias aldeias, mas são festas locais e quase privadas. As celebrações são jocosas, trocistas e irônicas, preparadas em segredo pelos mais jovens, que recorrem à sabedoria dos mais velhos a fim de manter a tradição. As refeições cerimoniais à base de carne de porco são fundamentais e marcam o início do período de abstinência da quaresma. Há também a presença de mascarados endiabrados e ações de punições e correrias. Em algumas aldeias se conserva ainda uma boa parte da licenciosidade selvagem que sempre a caracterizou.

Apesar do entrudo ter sido importado de lá, notam-se divergências entre a festa portuguesa e a brasileira, em relação à sua duração. A partir da segunda metade do século XX, o carnaval desapareceu completamente em Portugal, restando apenas alguns vestígios do entrudo ao passo que, no Brasil, “o carnaval passou a se constituir a grande festa nacional, um dos símbolos do país, tendo o entrudo, há tempos, desaparecido”(QUEIROZ, 1992, p.61-2).

Demais festas populares da Idade Média

Além do carnaval, outras festas populares eram realizadas na Europa medieval. A Festa de São Nicolau tinha seu início em 06 de dezembro e ia até o Natal. Conhecido também como Mikulas, Nicolas, Santa Claus, Nicholas of Bari, este santo, quando em vida, foi bispo de Mira, na Turquia, viajou pela Terra Santa e Egito, onde converteu muitos homens ao cristianismo. Faleceu em 32 d.C. e é mais conhecido como São Nicolau de Bari, cidade italiana; suas relíquias foram levadas para lá em 1087 e a partir de então seu culto se estendeu a todo o ocidente.

Diz a tradição que em Mira ele tinha grande afeto para com os meninos pobres e era o seu protetor, que o re-batizaram de Papai Noel. A tradição da figura de Papai Noel se estendeu por toda a França e todos os países Nórdicos e particularmente no continente americano, onde levou o nome de Santa Klaus. Sua representação cultural é baseada no costume de dar às crianças um presente no dia de seu padroeiro, cujo folclore mágico se juntou à festa do Natal. (<WWW.miragemartigosreligiosos.com.br> - acessado em 22/09/03).

A Festa dos Inocentes acontecia logo após o Natal, mais precisamente em 28 de dezembro e era realizada em homenagem às crianças mortas pelo rei Herodes, consideradas as primeiras mártires do Cristianismo, segundo o evangelista Mateus. Segundo ele, quando

Herodes descobriu ter sido enganado pelos magos em relação ao nascimento de Jesus, o Messias, mandou matar em Belém e no seu território, todos os meninos com menos de dois anos de idade.

A festa originou-se no início da era cristã e tinha um caráter jubiloso e não de luto, pois homenageava os meninos do coro e dos serviços do altar, que dirigiam todo o ofício litúrgico ao longo das celebrações.

A Festa dos Loucos iniciava no início do ano novo abrindo os festejos do ano. Era também conhecida como a Festa dos Foliões e celebrada principalmente na França. Os padres e os componentes do baixo clero vestiam trajes dos seus superiores, colocavam máscaras grotescas e imitavam os rituais da Igreja e da Corte. Elegia-se um príncipe da bagunça, um rei palhaço ou um bispo dos loucos para presidir os eventos e encenavam celebrações de missas e cantavam simultaneamente insinuantes modinhas (COX, 1974: 11).

Os costumes e convenções sociais, políticas e religiosas eram satirizados publicamente através das farsas e pantominas que caricaturavam o poder local.

As festividades prosseguiram com a Festa dos Tolos e do Asno, que eram teatros mascarados e igualmente ridicularizavam o clero. Terminavam com o Carnaval, na quarta-feira de cinzas.

Todos esses ritos apresentavam profunda diferença de princípios em relação às cerimônias oficiais sérias da Igreja ou do Estado. Apresentavam uma visão de mundo não oficial, como um segundo mundo, ao qual os homens da Idade Média pertenciam em determinados períodos. “A consciência cultural da Idade Média e da civilização renascentista não poderia ser compreendida sem considerar a existência desses dois mundos” (BAKHTIN, 1987: 4-5).

Os homens medievais mediam o tempo pelas festas e entre outras, o carnaval passado era lembrado durante todo o semestre, sendo esquecido pela preparação e espera da próxima festa, por todo o semestre seguinte (BURKE: 1989).

A Secularização do evento na Idade Moderna

Os últimos anos da Idade Média e Renascença foram marcados pelo incremento e apogeu das grandes feiras comerciais, espécie de mercados periódicos, que se estabeleciam em determinadas localidades, onde os mercadores realizavam um comércio internacional.

Geralmente aconteciam uma vez por ano e constituíam um grande acontecimento social muito prestigiado, com festas e competições. Muitas delas deram origem a cidades e são fatos que, já a partir da segunda metade da Idade Média prenunciavam a Idade Moderna.

Durante a realização das mesmas, eram concedidos liberdades e privilégios especiais, as guerras eram suspensas a fim de assegurar a liberdade e prestigiar o movimento.

As feiras mais antigas e regulares datam de 427 d.C. e eram realizadas na França, na cidade de Champagne. Duravam até dois meses, eram freqüentadas pelos franceses, italianos e espanhóis abastados e promoviam grande movimento em toda a região.

No período compreendido na Idade Média, os mercadores pagavam pesados tributos ao clero e, posteriormente, aos nobres, para participarem das feiras e serem protegidos carregados pelos caminhos, quando a elas se dirigiam.

Com o passar dos anos, multiplicaram-se por toda a Europa e as maiores eram realizadas na França, Alemanha e Itália; outras de menor expressão aconteciam na Turquia, Espanha, Inglaterra, Suíça e Áustria.

Em 1110 Paris inaugurou também as Feiras de St.Lazare e a de St.Germain. Em 1211 a Inglaterra inaugurou a Feira de Stourbridge, em 1463 surgiu a Feira de Lyon, em 1505 as de Rouen e Bordeaux, em 1595 a de Toulouse, em 1622 a de S.Lourenço, em 1628 a Alemanha inaugurou a Feira de Leipzig, a mais antiga e famosa do país e em 1689 realizou-se a primeira feira moderna de negócios em Leiden, Holanda.

O processo civilizatório da Europa serviu-se largamente destas feiras, que foram também geradoras de grandes fontes de riquezas.

Com a revolução industrial, iniciada em meados do século XVIII, os eventos começaram a sofrer mudanças significativas sob o impacto de um fenômeno bastante estudado, o da secularização.

Podem-se distinguir duas acepções do termo secularização, uma radical e outra atenuada. No sentido radical, a secularização era a rejeição da religião organizada, “descristianização”. “No sentido atenuado, pode-se entender a secularização como o declínio na crença do sobrenatural, os medos e esperanças vistos de forma mais terrena, desapegados do sentido religioso e mais ligados ao político” (BURKE, 1989,p.280).

De fato, a característica marcante que define a tendência da cultura na Idade Moderna é a visão racionalista do mundo, marca da sociedade cada vez mais burguesa e voltada para o capitalismo comercial e mercantil.

Não obstante a objeção da Igreja Católica, já bastante estudada, reticente em relação a todas as formas de acumulação de bens materiais, mormente as relacionadas ao ágio nos

empréstimos (a usura). As monarquias nacionais impulsionavam o crescimento econômico, contando para tanto com a ameaça velada das doutrinas protestantes concorrentes que equiparavam riqueza material e espiritual, ao mesmo tempo em que desejavam confiscar os bens do clero.

A Igreja Protestante (mormente as vertentes calvinistas e puritanas), como os capitalistas nascentes, também era contrária ao riso e às brincadeiras, mas defendiam e procuravam conciliar o capitalismo com a fé. O produto do trabalho (a riqueza) passou a ser encarado como bênção divina.

O desconforto em relação à diversão persiste até os dias atuais em todas as doutrinas religiosas cristãs, tanto católicas como protestantes, pouco à vontade com a sociedade secular e leiga nascida na Idade Contemporânea e com o crescimento do lazer enquanto aspiração coletiva (CAMARGO, 2002, p.29).

Os novos industriais e empresários eram contra as festas populares religiosas, posto que começavam a planejar e organizar eventos fechados com caráter de espetáculos, direcionados a turistas e demais participantes, todos pagantes.

Também os ideais literários e sociais formulados implicavam uma rejeição da cultura popular e crescente separação entre os eventos dos pobres e dos ricos.

A produção cultural deslocou-se do domínio da Igreja para o das pessoas comuns, passando assim pelo processo de secularização, ou laicização. A reforma religiosa ocorreu não apenas no contexto da Igreja, mas também no social, econômico e político.

O fosso entre as duas culturas ampliou-se gradativamente e os festejos populares passaram a ser vistos como acontecimentos exóticos e dignos de registro.

As culturas tradicionais resistiram. Paralelamente a essas transformações, já em meados do século XVII as danças e cantigas populares eram apreciadas por alguns intelectuais,

como se sentissem que precisavam de uma válvula de escape do universo intelectual cartesiano em que viviam. Era o não-científico, o fantástico e o espontâneo que os atraíam, dando-lhes prazer especial, que se tornou tão em moda no seguinte século XVIII juntamente com a noção de que os valores das pessoas comuns não deviam ser rejeitados (BURKE, 1989: 305,6).

Uma tentativa de resistir a esses novos tempos foram também os Jogos Olímpicos.

O Renascimento dos Jogos Olímpicos

No século XIX a Europa particularmente, iniciou a investigação física da História remotíssima, através da ciência da Arqueologia.

Em 1870 tiveram início extensas escavações na Grécia e descobriram-se rastros da existência de Tróia. Em 1875 foram achadas as ruínas de Olímpia.

Motivado pelo sucesso das escavações, Pierre de Fedi, o Barão de Coubertin, um francês apaixonado pelo esporte, professor diplomado em Pedagogia pela Escola Politécnica de Paris, decidiu estudar a história dos Jogos Olímpicos, pois considerava o esporte como um importante instrumento de educação. Concluiu que a Grécia atingiu sua Idade de Ouro em função dos esportes e do culto ao corpo.

Em 1894 o Barão de Coubertin convocou à Sorbonne representantes de quatorze países, com o objetivo de ressuscitar os Jogos Olímpicos. Em 1896 Atenas foi escolhida como sede das primeiras Olimpíadas da Era Moderna e o Barão passou a ser conhecido como o “Pai dos Jogos Olímpicos Modernos”.

Ele almejava que o esporte nascente (futebol, basquete, olimpíadas e atletismo eram modalidades recentemente criadas) preservasse o clima sagrado devotado aos Jogos da Antiguidade, tentando com isso opor-se à exploração dos mesmos como *show-business*, no que se viu malogrado, pois foi o que acabou acontecendo.

Se, por um lado, um dos objetivos dos Jogos da Antiguidade, que era forjar a unidade entre as belicosas cidades-estados da Grécia, sobreviveu e permanece até os dias atuais, uma espécie de comunhão entre atletas, que transcende os ressentimentos políticos e as lutas entre nações, por outro lado, não havia mais como se opor à tirania da lógica de mercado, cujos mecanismos são tão estudados em economia.

Surgem os eventos, estruturas de hospitalidade criadas para receber, às vezes hospedar, quase sempre alimentar e divertir convidados. Essa estrutura não é mais como as antigas montadas nos lugares santos. Aqui, as condições de atendimento às expectativas são mais garantidas, mas....pagas.

Os eventos tiveram nas Feiras Internacionais o seu primeiro modelo moderno, já dessacralizado e propondo-se a extrair lucro, para tanto se aliando, utilizando e exaltando, de braços dados com a técnica.

O Carnaval em New Orleans no Século XIX

Os primeiros registros sobre a existência de comemorações carnavalescas na cidade de New Orleans, nos Estados Unidos da América, datam de 1823. Segundo os relatos, as manifestações aconteciam pelas ruas da cidade, com negros mascarados dançando, como em uma “Saturnal” da Roma antiga, a que os moradores denominavam de *A Grande Dança do Congo*.

Existia a figura central do *Rei do Velório* (não se sabe ao certo, mas acredita-se que tal denominação baseava-se nas antigas sociedades de sepultamento), que usava uma coroa em forma de pirâmide e trajes cerimoniais ornamentados com fitas e sinos, que emitiam sons durante os movimentos. A sua performance exigia dançarinos com dotes atléticos que provocassem admiração e tivessem um papel de comando e liderança que não podiam exercer no cotidiano. Os demais participantes do ritual fantasiavam-se de “índios”, onde elementos americanos eram misturados às tradições africanas.

Destaque-se que a cidade de New Orleans é culturalmente marcada pelas características dos primeiros colonizadores da Louisiana, os franceses, sendo que hoje a língua falada predominante, o inglês, ainda rivaliza em importância com um dialeto francês utilizado nessa região e em algumas partes do Caribe (Haiti, Martinica, Guadalupe) e da América do Sul (Guiana Francesa).

New Orleans, na verdade, é o produto da interação cultural de três amplas áreas culturais - Europa Ocidental, o vale do Rio Mississipi (USA) e a África Ocidental. “Desde que os colonizadores franceses estabeleceram em 1718 uma colônia no Novo Mundo com escravidão africana rodeada por indígenas, a Louisiana é multirracial e multicultural”.(MITCHELL, 2002: 42, 43). Os africanos incorporaram em sua própria cultura influências da cultura europeia do carnaval. A imigração caribenha reforçou esta influência, bem como outras diversas sociedades do Caribe por sua vez, importaram as tradições festivas de New Orleans.

Além da influência francesa, os alemães católicos e os espanhóis também trouxeram suas tradições carnavalescas. Os americanos que vieram para a cidade tinham precária noção a respeito da festa, visto que em sua maioria eram protestantes e viam-na como resquício das festividades pagãs; as tradições que trouxeram eram ligadas às festas de Natal e Ano Novo, de origem inglesa.

O carnaval de New Orleans sempre foi o palco para a demonstração das diferenças raciais e ao mesmo tempo período de miscigenação e supressão da separação legal que havia entre brancos e negros.

A mistura da herança africana com outras sociedades escravistas do Novo Mundo firmou suas próprias características e denominou-se de “tradição *afro-creole*. A simulação carnavalesca mais peculiar desta tradição era o ritual denominado *Kwore Duga*, em que foliões mascarados montados em cavalos de pau encenavam danças cômicas e lascivas. As suas contorções eram cerimoniais de integração, visto que unia os atores ao público.

Acredita-se que tais performances eram criadas para celebrar o culto religioso tradicional de seu país de origem (na África) e que o calendário festivo do carnaval era aproveitado para realizar suas obrigações religiosas e não como diversão.

Mesmo sem entenderem as manifestações negras, os brancos apreciavam muito os rituais, por curiosidade e diversão. Para compreender o carnaval de New Orleans, deve-se reconhecer que tais danças tinham significados diferentes para pessoas diferentes, visto que atingiam públicos plurais.

Após a Guerra Civil e a Proclamação da Emancipação, pelo então presidente Lincoln, em 01/01/1863 (liberação dos escravos que viviam em territórios em combate contra o governo federal), os brancos renovaram as tradições do carnaval, utilizando-as como um teatro de protesto.

O carnaval negro permaneceu como algo quase oculto dos observadores brancos. As danças dos “índios negros do Mardigrass”, em que os negros eram fantasiados de índios, perduram em New Orleans.

O carnaval de New Orleans apresenta diferenças básicas em relação à festa brasileira. O de lá é localizado, considerado uma especialidade daquela cidade e seu conteúdo ideológico é aristocrático. No Brasil, ele é uma festa generalizada que acontece em todo o país, com algumas pequenas disparidades regionais e, a festividade é marcada pela “ideologia do encontro e da comunhão, muito nítida no concurso desinibido dos sexos e das classes sociais”(DAMATTA, 1973, p.163).

O Surgimento das Grandes Feiras Internacionais

Feiras e Exposições Internacionais foram (e ainda são) acontecimentos planejados e organizados com objetivos específicos, que eram realizados em grandes espaços e atraíam um público espetacular, gerando significativos dividendos econômicos e sociais.

Entre as maiores e mais significativas, destacamos as seguintes:

-1862- Feira Internacional de Southkensington- Londres. Área: 18,61Has.
duração: 5,7 meses. Público: 6 milhões. Expositores: 28.653.

-1873- Feira Internacional do Parque do Prater- Viena. Área: 100 Has. Duração: 6,2 meses. Público: 7,25 milhões. Expositores: 25.760. Países participantes: 35. Tema: 25º aniversário da coroação do Kaiser Franz Joseph.

-1876- local: Fairmount Park, Filadélfia, EUA. Duração 6 meses. Público: 10.165 milhões. Expositores: 60.000. Países Participantes: 50. Tema: Centenário de Independência dos EUA. Atração principal: Independence Hall.

-1889- local: Champs de Mars, Paris. Área: 96Has. Duração: 5,7 meses. Público: 33 milhões. Expositores: 61.722. Tema: Centenário da Revolução Francesa. Atração Principal: Torre Eiffel e Galeria das Máquinas. Na mesma também foi mostrado o fonógrafo de Thomas Edison.

-1893- local: Jackson Park EUA. Área: 277 Has.Duração: 6,1 meses. Público: 27 milhões.Tema: 400 Anos do Descobrimento da América. Atração Principal: White City e Roda Gigante (Ferris Wheel).

-1926- local: League Island, Filadélfia. EUA. Area: 182 Has. Público: 6 milhões. Tema: 150 Anos da Independência dos EUA.

Seria por acaso que Walter Disney tenha declarado que a inspiração para os seus trabalhos tenha advindo exatamente do impacto provocado em seu espírito pela Exposição Internacional de Filadélfia, em 1926 ?

A Banalização do Carnaval Contemporâneo

No início da era industrial, começou-se a esboçar um novo modelo de carnaval com características próprias. A mudança mais notória foi a criação de festas (e de carnaval) de ricos e de pobres, desta feita sem inversão. O carnaval dos pobres subsistiu nas ruas e o dos ricos foi para os salões.

No século XX, as duas Guerras Mundiais trouxeram significativas mudanças filosóficas, estéticas e morais em nível mundial. Tais mudanças envolveram também o carnaval. A festa deixou de ser uma constante nas cidades do ocidente. Algumas poucas cidades (e os exemplos de Nice, Veneza e, mais recentemente, nas cidades brasileiras) passaram a ostentar no seu calendário a simples realização da festa. De evento popular sem uma forma artística de espetáculo teatral, mas com a forma da própria vida, a festa transformou-se definitivamente em espetáculo, uma atração turística, através de desfiles paramentados, hoje a sua máxima expressão, ou seja, a imagem agindo sobre o social.

A revolução tecnológica, a transformação radical dos costumes da sociedade pós-moderna, a liberação sexual e a civilização do lazer transformaram a esperada festa anual numa sucessão de “carnavais” que acontecem em todos os feriados prolongados e finais de semana das cidades, nos bares, discotecas, boates e as mais diversas formas de lazer noturno.

“Hoje, as boas festas invariavelmente terminam em carnaval” (CAMARGO, 2002, p. 30). Muitas pessoas esperam o período do carnaval para viajar, procurando não as loucuras e as inversões, mas sim a paz e a tranquilidade, como contraponto de seu louco cotidiano.

A sociedade atual privilegia o lúdico e a ironia, como forma de rejeição à ordem pré-estabelecida. A inversão dos atores sociais e o tratamento irônico ao uso do poder pela autoridade, fazem parte de um cotidiano tipicamente carnavalesco, mas divergem do vitalismo e da celebração da vida.

A ambivalência cultural de nossos dias, mostra a repressão da sociedade, oriunda do domínio da mídia e dos computadores. A sociedade, contudo, se liberta dela ao gerar uma cumplicidade inesperada e inédita com a tecnologia.

“As sociedades derivam para uma desordem de paixões e o sentido orgiástico penetra em todas as instâncias da vida social, regulando inclusive a ética e a estética das relações. Em última instância, trata-se da carnavalização do cotidiano, em que o carnaval, propriamente dito, generaliza-se por secularização” (MAFFESOLI, apud ARAÚJO, 2003, p. 48).

Em resumo, a sociedade pós-moderna está caminhando gradativamente para uma *cultura carnavalesca*, na qual o eventual (de evento) transforma-se em habitual. O carnaval continua exercendo o papel de contraponto com a vida cotidiana, mas não mais na forma paroxística de evento anual e sim pelas suas inúmeras inserções e marcas deixadas em outros eventos ao longo do ano.

Referências Bibliográficas:

- ARAÚJO, Hiram. **Carnaval** – Seis milênios de história. Rio de Janeiro: Gryphus, 2 ed. 2003.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares. Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. Campinas: Papyrus, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BURKE, Peter. **A Cultura Popular na Idade Moderna – Europa, 1500-1800**. São Paulo: Schwarcz, 1989.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima Camargo. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

COX, Harvey. **A festa dos foliões**. Petrópolis: Vozes, 1974.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. 6ªed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 2001.

HEERS, Jacques. **Festa de Loucos e Carnavais**. Lisboa – Portugal: Publicações Dom Quixote, 1987.

MITCHELL, Reid. **Significando: Carnaval Afro-Creole em New Orleans no Século XIX e início do XX**. In: CUNHA, Maria C.P. (Org.). *Carnavais e outras Frestas*. Ensaios de história social da cultura. Campinas-SP: Ed.Unicamp, 2002.

QUEIROZ DE, Maria Isaura Pereira. **Carnaval Brasileiro**. O vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RIBEIRO, Josiane. **A festa popular, lugar da transgressão**. [online]. Disponível na Internet: <www.contraacorrente.hpg.ig.com.br>. Acesso em: 6jan.2003.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, Carnavais**. São Paulo: Atica, 1986.